

ECOTURISMO NA MATA ATLÂNTICA: ENTRE AMIGOS E ORQUÍDEAS

Maria do Rosário de Almeida Braga

Bióloga, Ms. em Botânica, responsável pelo Orquidário Quinta do Lago, Rua Domingos José Martins, 195, Petrópolis, RJ. orquidario@quintadolago.com.br

Ecotourism in the Atlantic Rainforest: among friends and orchids.

Abstract: The first trip organized by the Orchid Conservation Alliance (OCA) happened during the first days of August 2005, to visit some orchid habitats in the Southeast of Brazil. This article is a report of our many walks during the five days we spent in Macaé de Cima, Nova Friburgo, RJ and our short visit to Itaipava, Petrópolis, RJ.

Resumo:

Durante os primeiros dias de agosto de 2005 aconteceu a primeira viagem organizada pela “Orchid Conservation Alliance” (Aliança para a Conservação das Orquídeas), para conhecer “habitats” de orquídeas no sudeste do Brasil. Este artigo é um relato sobre a nossas muitas caminhadas ao longo de cinco dias a Macaé de Cima, munic. de Nova Friburgo, RJ, e sobre a nossa curta estadia em Itaipava, munic. de Petrópolis, RJ.

A “Orchid Conservation Alliance” (Aliança para a Conservação das Orquídeas) foi criada no início do ano de 2005 e tem como principal objetivo promover a conservação das espécies de orquídeas e de seus habitats. Como primeiro alvo, a “OCA” pretende arrecadar fundos para adquirir 100 hectares nos Andes equatorianos, em uma região de grande diversidade, a fim de criar uma área protegida. Acontece que o presidente da “OCA”, Peter Tobias, é um grande amigo e grande admirador do Brasil e das nossas orquídeas. Por isto, a primeira atividade programada pela “OCA” foi uma viagem ao Brasil, esta em caráter experimental, mas já com o intuito de que todo o dinheiro extra será administrado para alcançar os objetivos.

A expedição começou, oficialmente, na manhã do dia 31 de julho. O grupo era formado por Peter (organizador), Kathi McCord, Lisa Humphries, Nico Goosens, Ron Kaufmann, John Snyder, todos de San Diego, CA, EUA e eu, a única brasileira, como co-organizadora e tradutora. Deixamos o Rio em direção a Macaé de Cima, no Munic. de Nova Friburgo.

Depois de uma cerveja gelada em Mury, mudamos de carro para chegar até a propriedade de David e Izabel Miller, um lugar muito especial, a 1200m de altitude. Lá, depois de instalados na super-acolhedora casa do querido casal Miller, nós iniciamos as nossas explorações orquidófilas. Já no jardim vimos uma planta de *Pleurothallis pabstii* em flor e algumas plantas robustas de *Oncidium marshallianum* e *Miltonia cuneata*, que exibiam saudáveis hastes florais. David nos levou para uma pequena caminhada na floresta atrás de sua casa, em um pedaço de mata primária – o que significa que a maioria das orquídeas cresce no alto das árvores e muitas vezes

só podem ser vistas quando um ou outro galho cai. Nesta mata primária vimos, crescendo como epífitas: *Miltonia cuneata* com haste floral, *Maxillaria caparoensis* com cápsula, *Octomeria* spp e *Pleurothallis* spp, *Promenaea xanthina*, *Octomeria gracilis*, *Maxillaria picta* (ou *M. ubatubensis*?). No chão da mata, cresce *Prescottia stachyodes*.



FIGURA 1 – *Sophronitis coccinea*, em plena floração e sempre em locais de alta luminosidade.



FIGURA 2 – A micro-orquídea *Eurystyles cotyledon*, comum em algumas áreas úmidas, crescendo sobre troncos cobertos de musgos.

Do outro lado da casa, em um pequeno morro que o David considera seu “CTI”, vimos:

Gomesa recurva, *G. glazioi*, *Epidendrum chlorinum*, *Oncidium longipes*, *O. forbesii*, *Maxillaria cerifera*, *M. picta*, *Bulbophyllum campos-portii* em flor, *Octomeria* spp, *Prostachaea inversa*, *Laelia virens*, *Bifrenaria atropurpurea*, *Maxillaria loefgrenii*, todas como epífitas nas diferentes árvores. *Epidendrum paranaense* e *Zygopetalum maxillare*, crescendo sobre samambaia-açu, sendo que só a última é exclusiva da samambaia. *Laelia crispa* cresce em algumas árvores e esta altitude é máxima para a espécie. *Oncidium divaricatum* e *Onc. sphegiferum* têm a mesma limitação de altitude. Outra epífita nesta mata é *Scaphiglotis modestum* (= *Tetragamestrus modestus*), boa indicadora de floresta em regeneração. *Zygopetalum mackayi* cresce no chão da mata.

Esta tarde, como todas as outras que passamos em Macaé de Cima, terminou com um delicioso jantar feito pela Bel, cozinheira de mão-cheia e excelente anfitriã.

1º de Agosto

Depois de um farto café-da-manhã, começamos nossa caminhada às 9:15h, por uma trilha que atravessa uma linda mancha de floresta primária. O tempo estava lindo como, aliás, permaneceu durante todos os nossos dias em Macaé de Cima – o que não é muito comum, naquela região de alta pluviosidade e muita névoa. Nós sete, mais David e Carlinhos, braço direito indispensável e ótimo mateiro, caminhamos ao longo de trilhas

estreitas, pisando em uma grossa camada de matéria orgânica e cercados por altas árvores cobertas de epífitas. Não havia muita orquídea em flor, mas começamos o dia encontrando *Pleurothallis hypnicola* florida. A medida que atravessávamos a mata, vimos: muitas plantas de *Gomesa* spp, *Maxillaria picta*, *Octomeria* spp, *Zygopetalum crinitum*, no alto de árvores em locais mais fechados e mais baixos, quando a floresta era mais aberta. *Dichaea cogniauxiana*, a uma altura de 1.5 – 1.8m nas árvores, em áreas sombreadas; muitas plantas de *Pabstia jugosa*, prontas para florir em alguns dias, crescendo em uma rocha vertical, sombreada e coberta de musgos; muitas plantas de *Epidendrum paranaense*, em locais de luminosidade intermediária; muitas plantas de *Bifrenaria vitellina*, na sombra; mais *Zygopetalum crinitum*, desta vez no chão, onde ele cresce normalmente; *Dichaea muricata* na sombra; *Grobya amherstiae*, com as raízes dentro de um tronco podre; *Zygostates multiflora* e *Oncidium cogniauxianum*



FIGURA 3 – *Maxillaria picta*, que encontramos crescendo em diferentes ambientes e até sob pleno sol.



FIGURA 4 – *Pabstia jugosa*, em locais sombreados, em início de floração.

em um galho caído; a terrestre *Cyclopogon iguapensis*; *Gomesa barkeri* em flor em uma árvore baixa; *Maxillaria picta/ubatubana*; *Maxillaria cerifera*; *Rodriguezioopsis eleutherosepala* e *Pleurothallis colorata*, esta última em flor.

À medida que chegamos ao topo da montanha, a floresta fica mais baixa, e com mais luz. No chão, a vegetação dominante é a bromélia *Quesnelia lateralis*. Sobre as árvores, que são em geral pequenas (0.1 – 0.2m de diâmetro), vimos: *Barbosella gardineri*, *Dichaea cogniauxiana*, *Bifrenaria vitellina*, *Pleurothallis* spp, *Octomeria* spp. Em uma árvore caída, vimos muitas plantas de *Sophronitis coccinea*.

Ao chegarmos à cumieira do morro, a principal bromélia do chão já é outra, *Vriesea* sp, que estava florida. Na cumieira, onde a floresta é aberta e baixa, vimos muitas e muitas plantas de *Sophronitis coccinea* em flor e fruto, e muitas outras germinando. O vermelho intenso das inúmeras flores, naquela bonita paisagem e contra o céu muito azul fazia um contraste maravilhoso. Além disto, era também o território de *Bulbophyllum campoportii*, algumas plantas bonitas de *Scuticaria hadwenii*, algumas *Prostecheae vespa* crescendo no chão ou como epífitas, em pleno sol e *Epidendrum janeirense*. Voltamos para casa por uma trilha bastante íngreme.

2 de agosto

No nosso terceiro dia saímos de manhã por uma trilha partindo de trás da casa do David, passando através de uma floresta que passou por diferentes incêndios ao longo dos últimos 50 anos. No começo da trilha, na meia-sombra da floresta alta, a primeira orquídea que vimos foi a epífita *Maxillaria cogniauxiana*. E logo depois nos deparamos – e nos encantamos – com uma bonita planta de *Pabstia jugosa*, em flor, crescendo em uma árvore caída. (foto) Próxima a ela, uma planta de *Miltonia cuneata*, com muitas hastes florais, sobre uma Mirtaceae. *Grobya amherstiae* também ocorre nesta parte da floresta. No chão, com pouca intensidade luminosa, vimos *Cyclopogon iguapensis*, que estava em flor e sobre um tronco caído, muitas plantas de *Prescottia epiphyta*. Na vizinhança vimos também *Zygostates multiflora*, *Rodrigueziella handroi* e *Eurystyles laurensis*, crescendo como epífitas em pequenas árvores.

Na cumieira, a vegetação é muito mais aberta e o diâmetro das árvores está entre 0,1-0,15m. Lá muitas orquídeas crescem próximo ao chão e entre musgos. Outras são epífitas, mas na altura dos meus olhos (1,50m). Havia várias plantas de *Gomesa recurva*, *Zygopetalum crinitum* (em flor), *Dichaea cogniauxiana*, *Dichaea moricata* com cápsulas, *Eurystyles spp*, *Epidendrum chlorinum*, *Epidendrum delicatum* (em flor), muitas e muitas *Sophronitis coccinea*, em diferentes estágios de desenvolvimento, *Pleurothallis pretropolitano*, com pequenas flores vermelhas, *Epidendrum paranaense*, *Maxillaria modesta*, *Oncidium forbesii*, *Promeneae xanthina*, *Oncidium cogniauxianum*, *Oncidium raniferum*, *Oncidium hookerii* e *Eurystyles cotyledon*.

Continuando pela trilha ao longo da cumieira, chegamos a um pequeno campo de altitude, que há 30 anos vem regenerando-se de um incêndio. As árvores baixas tem 2-2,5m de altura e diâmetro entre 0,05-0,1m. Nesta área vimos: *Epidendrum janeirense* (ou *paranaense*), uma bonita população terrestre de *Zygopetalum mackayi* em flor, *Eurystyles intermedium*, *Oncidium crispum* com longas hastes velhas, muitas *Sophronitis coccinea*, *Epidendrum rodriguesii*, a terrestre *Epidendrum delicatum* com flores de muitas cores, *Zygopetalum brachipetalum* e seu híbrido natural com *Z. mackayi*. Entre plantas grandes da bromélia terrestre *Vriesea gallipiana*, vimos *Epidendrum chlorinum* e *Bulbophyllum campos-portoi*, este crescendo também epifiticamente como *Oncidium forbesii* e *Oncidium hookerii*. No nosso caminho para o topo da trilha, encontramos também *Zygopetalum pedicelatum*, crescendo no chão.

Na volta para casa fecundamos duas flores de *Pabstia jugosa*, planejando a minha volta para apanhar a cápsula, daqui há alguns meses.

3 de agosto

Hoje fomos de carro para o vale do “Rio das Flores”, e caminhamos em direção às montanhas conhecidas como “Serra dos Pirineus”. Enquanto estávamos ainda na estrada principal, logo após estacionarmos o carro, vimos uma bonita planta de *Neogardineria murrayi*, com cápsula. Ela ocorre como epífita sobre uma grande árvore, com luminosidade moderada, a 1,5m do solo. À medida que começamos a caminhar em uma estrada lateral menor, em direção aos Pirineus, nós vimos: *Epidendrum janeirense*, alto em uma árvore, com muita luz; *E. xanthinum*, sobre uma pedra na beira da estrada; *Maxillaria brasiliensis* com cápsula; *Pleurothallis pabstii* em flor; *Octomeria grandiflora* em flor num tronco caído; *Pleurothallis* spp; *Miltonia cuneata*; *Epidendrum armeniacum* com cápsulas; *Cirrhaea dependens*; sobre uma árvore completamente coberta por musgo, *Prescottia epiphyta*; crescendo no barro vermelho, *Elleanthus crinitum*, que também é epifítico;



FIGURA 5 – A “orquídea botão”, *Phloeophila paulensis*, revestindo alguns troncos a mais de 1000m de altitude, na Serra dos Pirineus.



FIGURA 6 – *Pleurothallis limae* crescendo no chão da mata em regeneração.

Maxillaria leucaimata em uma bifurcação baixa de uma árvore; uma população da terrestre *Sauroglossum nitidum*, com muitas hastes florais, na sombra de pequenos arbustos.

Saímos então da Estrada e tomamos uma trilha,, passando por um pedaço de mata perturbada, até virarmos novamente, agora em uma estreita trilha, bem sombreada. Neste pedaço vimos: *Phymatidium tillandsioide*, *Oncidium crispum* e, *Maxillaria cerifera* em galhos caídos e *Cirrhaea dependens* crescendo sobre uma pequena palmeira, com luminosidade moderada. À medida que entramos na floresta primária, *Pleurothallis* spp, *Octomeria* spp, *Maxillaria* spp, *Stellis* spp tornam-se bastante comuns. Algumas destas orquídeas cobrem troncos inteiros. O chão da floresta é coberto por uma grossa camada de folhas velhas e parecia que estávamos andando em um tapete macio. Aí achamos uma bonita planta de *Stellis triangularis*, em flor, com 15 hastes florais.

Seguindo a trilha, alcançamos a cumieira e andamos ao longo dela pelo resto da trilha, na sombra da floresta. Muitas orquídeas comumente epífitas estavam crescendo no chão, como *Gomesa glaziovii*. Estávamos a uma altitude de cerca de 1000m e as orquídeas cresciam em quase todas as árvores a nossa volta – e muitas ao nível dos nossos olhos. Vimos: *Zygopetalum crinitum*, *Bulbophyllum* sp, *Scaphiglotis modestum*, *Laelia crispa*, *L. virens*, *Bifrenaria atropurpurea*, *Maxillaria ochroleuca*, *M. loefgrenii*, *M. bradeii* com flores amarelas quase abertas, *Promenaea xanthina*, *Prostechaea vespa*, *Elleanthus crinitum*, *Oncidium harrisonianum*, *Epidendrum adae* e muitas outras *Epidendrum*, *Octomeria* e *Pleurothallis*, incluindo um *Pleurothallis* sp com flores brancas.

Continuamos subindo ao longo da trilha na cumieira e David fez a observação que havia menos bromélias no chão da floresta, o que significa menos umidade naquele lugar. Vimos muitas plantas da terrestre *Sauroglossum nitidum* com haste, *Maxillaria ochroleuca* também crescendo no chão, em um local muito iluminado, sobre a grossa camada de folhas velhas.

No topo da montanha que David conhece como “Pico Velutina”, a floresta é baixa (árvores com 1,5-2m de altura) e o chão de folhas velhas esta muitas vezes coberto por líquens. Lá, a uma altitude de 1000m, encontramos *Maxillaria cerifera* em flor, *Zygopetalum mackay*, “seedlings” de *Bifrenaria* sp, *Encyclia calamaria*, uma pequena planta de *Sophranitis brevipedunculata*, *Scaphiglotis modestum* – todas crescendo sobre grandes pedras ou na base dos pequenos troncos. Lá do pico, com uma vista de 360°, só avistamos Mata Atlântica primária em volta da gente.

Deste ponto, alguns de nós decidimos ir um pouco mais para frente, para alcançar o próximo pico. Uma bonita população de *Maxillaria cerifera* cresce no chão, exposta a muita luz. Vimos também *M. ochroleuca*, *M. rigida*, *M. aff. acicularis*, *Prostechaea vespa*, *Octomeria longipedicelata* em flor, *Bulbophyllum* spp, *Bifrenaria wendlandiana* e uma micro-orquídea muito especial “a orquídea botão” (David chama-a de “bottom orchid”), *Phloeophila paulensis*, cobrindo uma grande extensão de galhos em algumas árvores do pico.

Nosso caminho de volta foi pela mesma trilha que subimos. Quando estávamos quase chegando no carro, atravessando um pequeno jardim, encontramos uma planta solitária de *Polystachya* sp, sobre uma superfície rochosa vertical.

4 de agosto

Começamos nossas explorações do dia descendo pela estrada principal da propriedade do David e da Bel. *Epidendrum xanthinum* cresce nos barrancos de barro ao longo da estrada, assim como *Haberaria rupicola*, híbridos naturais entre *Zygopetalum mackay* e *Z. brachyatum* e *Gomesa recurva*. No alto de uma árvore na beira da estrada, vimos *Maxillaria picta*.

Neste ponto viramos em uma trilha lateral, entrando em um pedaço de floresta que vem se regenerando de um fogo que aconteceu nos últimos 50 anos. No atual estágio de regeneração, as bromélias estão começando a crescer como epífitas e não são mais unicamente terrestres. Muitas orquídeas ocorrem no chão da mata. Nesta parte vimos: a terrestre *Prescottia montana*, *Maxillaria picta* em troncos caídos e no chão, *Zygopetalum pedicilatum*, *Prostechaea vespa* e *Elleanthus crinitum* crescendo no chão, *Epidendrum chlorinum* na base de uma árvore, uma planta de *Grobya amherstiae* germinando em uma árvore podre. *Oncidium marshallianum* (com haste), *Pleurothallis* spp e *Octomeria* spp crescem como epífitas. *Oncidium marshallianum* e *O. crispum* são conhecidos como eficientes colonizadores de uma mata em regeneração.

De volta à estrada principal, *Epidendrum delicatum* e *Laelia cinnabarina* crescem no barro vermelho, diretamente expostos ao sol. Vimos também *Encyclia calamaria*, como epífita.

Um pouco mais abaixo, tomamos novamente uma trilha secundária, passando por uma área de floresta mexida. A área encontra-se no que David classifica como o terceiro estágio de regeneração, e caracteriza-se pela presença de muitas árvores de *Miconia* sp (Myrtaceae), com alta produção de frutos comestíveis, que atraem diversos animais. Sobre as árvores, além de *Pleurothallis* spp e *Octomeria* spp, vimos *Bulbophyllum campos-portoi*, *Oncidium forbesii*, *O. hookerii* e *O. marshallianum*. No chão da floresta, a terrestre *Zygopetalum mackayi* e a normalmente epífita *Maxillaria picta*. *Habenaria josephensis* também é terrestre, crescendo em um ponto mais sombreado. Continuamos descendo ao longo da trilha e, sobre um tronco caído, vimos: *Prostechaea vespa*, *Bifrenaria tetragonia*, *Maxillaria ochroleuca* e uma bonita planta de *Cirrhaea dependens* com muitas cápsulas. Plantas de *Oncidium marshallianum*, sempre com haste nesta época do ano, ocorrem como epífitas ao longo da trilha. À medida que continuamos descendo, a mata tornando-se mais e mais aberta, e encontramos, crescendo no solo, *Cranichis candida* (com cápsula), *Pleurothallis limae* (muitas vezes entre musgos), *Sauroglossum nitidum* florido e *Epidendrum delicatum*.

A uma altitude de cerca de 1200m, em uma área que há duas décadas atrás era uma fazenda de faisões e que agora esta coberta por uma vegetação de baixa, nós vimos *Zygopetalum brachypetalum* e 10 plantas de *Oncidium blanchetii* – de um total de 16 plantas que foram reintroduzidas há alguns anos atrás. Todos os *Oncidium blanchetii* foram levados para o local com a idade de 16 meses (após a semeadura) e este foi o primeiro ano em que se formou uma cápsula. Foi interessante constatar que todas as suas raízes estavam escondidas na camada orgânica superficial do solo. Nas árvores baixas das redondezas vimos *Bifrenaria wendlandiana*, *Maxillaria cerifera* e uma planta de *Sophranitis brevipedunculata* crescendo naturalmente. *Pleurothallis limae* é comum na área, crescendo perto da base de árvores. A terrestre *Prescottia montana*, em flor, também ocorre na mesma área. David tentou um experimento de reintrodução com *Laelia crispa*, *Laelia cinnabarina*, *Laelia purpurata* e *Cattleya intermedia* – as duas últimas não são da flora local.

Ainda descendo, chegamos a um outro pedaço de mata em regeneração. Aí, onde a vegetação dos dois lados da colina sofreu perturbações há algumas décadas, foi fácil constatar que a floresta está mais desenvolvida do lado voltado para o sul, que foi para onde nos dirigimos. Encontramos a terrestre *Sauroglossum nitidum* e *Pleurothallis limae*, e as epífitas *Zygopetalum crinitum*, *Bifrenaria tetragonia* e *Neogardneria murrayana*. E, andando fora de qualquer trilha, sob a floresta bem sombreada, encontramos uma linda população da orquídea terrestre *Houlletia brocklenhurstiana*, crescendo em uma parte bem inclinada.

Depois de alcançarmos, aos “trancos e barrancos” a estrada principal, já no vale do Rio Macaé de Cima, fomos de kombi até um ponto onde o rio é bem largo, com algumas árvores nas margens. O local tem muita interferência do homem. Em algumas das árvores crescem *Elleanthus crinipes*, *Dichaea* sp, *Gomesa recurva*, *Epidendrum paranaense*, *E. chlorinum*, *Prosthechea vespa*, *Maxillaria ochroleuca* e *Polystachya* sp.

O jantar que nos esperava naquela nossa última noite com David e Bel foi delicioso, em um clima de muita camaradagem.

5 de agosto

Depois de cinco dias de muitas orquídeas e de uma convivência maravilhosa, deixamos Macaé de Cima em direção a Petrópolis (foto). Nosso time agora inclui o motorista Rubinho, que nos acompanhará durante o resto da viagem. No caminho paramos na Aranda, em Teresópolis. Lá fomos muito bem recebidos por Roberto Agnez, que nos mostrou suas várias estufas cheias de boas plantas e depois nos levou para um gostoso almoço. Tivemos a sorte de encontrar também com Hanz e Beatriz Kunning. Todos do grupo compraram orquídeas que depois o Roberto iria enviar com os papéis necessários.

Chegamos na fazenda aonde está localizado o Orquidário Quinta do Lago, em Itaipava, já na hora do por do sol.



FIGURA 7 – Nosso grupo, após 5 dias com David e Izabel Miller.

6 de agosto

Durante a manhã visitamos as estufas da Quinta do Lago e em seguida, pegamos o carro para ir ao Binot e à Florália. No Binot fomos recebidos carinhosa e eficientemente pelo Celso Cardim, que vem trabalhando naquele orquidário há 60 anos. Na Florália, Steeve Champlin, Sandra A. Odebrecht e Luis Strzalkowski estavam nos esperando com um delicioso lanche e depois o Steeve levou o grupo para visitar todas as estufas com muitas espécies interessantes.

De volta à Quinta do Lago, demos uma volta pela fazenda. Crescendo nos afloramentos rochosos íngremes da fazenda, vimos *Pseudolaelia corcovadensis*, algumas em flor e muitas com fruto. *P. corcovadensis* cresce sobre *Vellozia* sp. Também observamos plantas de *Cyrtopodium* sp (do grupo de flores amarelas) entre manchas de vegetação nas rochas. Destacam-se neste ambiente as enormes bromélias, *Vriesea imperialis*.

No dia seguinte seguimos para a Reserva Ecológica do Caraça, em Minas Gerais, passando pela belíssima Ouro Preto. Lá encontramos com os queridos amigos Marcos e Tiago Campacci, Paulo Maurício Borges, Lúcia e Márcia Morimoto e Celso Gioso, para mais explorações e muitas boas conversas. Mas isto é a outra parte da história, que o Paulo Maurício está contando em outro artigo. E quem sabe um dia eu ainda contarei a nossa boa experiência em Tiradentes, subindo a “Calçada dos Escravos”, na Serra de São José.



Orquidófilos Associados

Site: www.orquidario.org • E-mail: orquidario@orquidario.org



*Junte-se aos que lutam pela
sobrevivência e Glória das Orquídeas.
Traga novos sócios.
Lute, proteste, divulgue.
Seja você o próximo integrante
deste quadro*

Tel.: 21 2233-2314 Fax.: 2518-6168

Foto: Alexandre Torreão - Arquivo: Jornal do Brasil